



As pegadas do sistema fraudulento

Estudos detalham a ação de serviços ilegais, editores de revistas e agenciadores na publicação de artigos que sofreram retratação na *PLOS ONE*

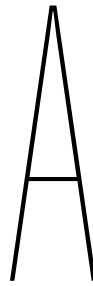
Uma investigação realizada pela equipe de jornalismo da revista *Nature* identificou nomes de pesquisadores que, atuando como editores voluntários do periódico científico *PLOS ONE*, foram responsáveis pela avaliação e publicação de parte significativa dos artigos do título que sofreram retratação, ou seja, que foram considerados inválidos por conterem erros ou sinais de má conduta. De acordo com a apuração, cinco desses editores lidaram com 15% de todos os artigos da *PLOS ONE* que acabaram cancelados. Há indícios da participação deles em ações negligentes ou conluio que comprometeram a integridade do processo de avaliação e permitiram a publicação de estudos produzidos pelas chamadas fábricas de *papers*, serviços ilegais que vendem trabalhos sob encomenda, às vezes com dados falsos.

Renee Hoch, chefe de ética em publicações da família de revistas PLOS, disse estar ciente dos problemas. “Removemos prontamente as pessoas que nos causavam preocupação dos conselhos editoriais da PLOS e tomamos as medidas necessárias em relação aos estudos afetados”, afirmou à *Nature*. PLOS ONE é um *mega-journal*, um tipo de revista científica que publica um grande número de artigos em acesso aberto na internet e abrange um largo espectro de disciplinas (ver Pesquisa FAPESP nº 250). Criada pela organização sem fins lucrativos Public Library of Science (PLOS), em São Francisco, nos Estados Unidos, tem milhares de editores voluntários, que cuidam das submissões de artigos e supervisionam a revisão por pares, com o apoio de 22 editores contratados.

Os cinco editores voluntários associados às retratações foram banidos da revista. Encabeça a lista Shahid Farooq, botânico da Universidade Harran, em Şanlıurfa, na Turquia. Entre 2019 e 2023, foi o responsável pela edição de 79 artigos da PLOS ONE, 52 dos quais acabaram cancelados. Os avisos de retratação declararam que o periódico tinha preocupações sobre autoria, conflito de interesses e lisura na revisão por pares relacionadas aos *papers*. Farooq também assinou como coautor sete artigos no periódico, que posteriormente receberam notas de retratação idênticas. Ele declarou à *Nature* que se baseou em relatórios dos revisores para tomar suas decisões editoriais e que tinha poucas ferramentas para detectar conflitos de interesse. Contou que a PLOS ONE o removeu de seu corpo de editores em 2022 e que renunciou a cargos editoriais em outros periódicos, como *Frontiers in Agronomy* e *BMC Plant Biology*. “Não edito mais nenhum artigo para nenhuma editora, pois as editoras agem como se fossem inocentes quando quaisquer questões são levantadas sobre os trabalhos publicados”, retrucou.

Em segundo lugar na lista aparece Zhihan Lv (também conhecido como Zhihan Lyu), pesquisador chinês especializado em realidade virtual que se desligou no ano passado da Universidade de Uppsala, na Suécia. No período de 2017 a 2021 editou 54 artigos da PLOS ONE, sendo que 43 deles foram retratados, 31 neste ano. Em 2024, o periódico *Neural Computing and Applications*, publicado pela Springer Nature, invalidou 24 de 26 *papers* em uma edição especial de 2018 da qual Lv era o editor convidado. As retratações, que incluíam um artigo no qual o próprio Lv era coautor, fundamentaram-se em comprometimento da revisão por pares, inclusão de citações irrelevantes, manipulações de imagens, presença de frases distorcidas, que podem indicar uma tentativa de esconder plágio, e conteúdo fora do escopo do periódico. Lv disse à *Nature* que não sabia, na época, haver um conflito de interesses ao submeter um trabalho de sua autoria a uma edição especial da qual era o editor responsável. Em 2022, a PLOS ONE o afastou de seu time de editores voluntários.

Os outros editores apontados na investigação foram Haibin Lv, geólogo marinho do Ministério de Recursos Naturais da China (que não tem parentesco com Zhihan Lv), Adnan Noor Shah, agrônomo da Universidade de Engenharia e Tecnologia da Informação Khwaja Fareed, em Rahim Yar Khan, no Paquistão, e o médico Aamir Ahmad, que lecionou na Universidade do Sul do Alabama, em Mobile, nos Estados Unidos, por parte do período em que atuou como editor na PLOS ONE, entre 2012 e 2020.



Nature chegou aos nomes dos cinco editores ao analisar dados de um outro levantamento, publicado em agosto por pesquisadores da Universidade Northwestern, nos Estados Unidos, na revista PNAS – esse estudo mostrou o quanto a atuação das fábricas de *papers* depende de um sistema complexo, que inclui periódicos e intermediários que direcionam manuscritos

fraudulentos ou de má qualidade para editores negligentes ou corrompidos. O trabalho examinou 276.956 artigos publicados na PLOS ONE entre 2006 e 2023 e analisou o desempenho de 134.983 autores e 18.329 editores voluntários. Constatou-se que 45 desses editores foram responsáveis por 30% de todos os artigos do período que sofreram retratação, embora tivessem lidado com apenas 1,3% do volume de estudos publicados entre 2006 e 2023. “As pegadas que a fraude sistemática deixa na literatura são tão grandes que não há como atribuí-las apenas a alguns maus autores”, disse à *Nature* o primeiro autor do estudo da PNAS, Reese Richardson, que recentemente concluiu o doutorado na Universidade Northwestern com uma tese sobre reprodutibilidade, vieses e fraude na produção científica. Para chegar aos nomes dos cinco editores, que não haviam sido revelados no estudo original, a equipe da *Nature* cruzou dados públicos disponibilizados pela PLOS ONE com registros de retratação do banco de dados do site Retraction Watch.

“É possível que alguns editores estejam recebendo propina”, disse Richardson, em entrevista à revista *Science*. “Mas também é possível que acordos informais estejam sendo feitos entre colegas”, afirmou, referindo-se ao fato de os autores frequentemente serem editores voluntários da revista e lidarem com os artigos uns dos outros. A equipe de Northwestern mapeou as atividades de intermediários que se propõem a agenciar a publicação de *papers* junto a periódicos e editores desonestos. Um deles é a Associação Acadêmica de Pesquisa e Desenvolvimento (Arda), sediada em Chennai, Índia. A Arda cobra entre US\$ 250 e US\$ 500, segundo orçamentos oferecidos a Richardson, para publicar artigos de clientes em várias revistas. A empresa pede que os autores enviem seus próprios manuscritos, em um indicativo de que não opera como uma fábrica de *papers*, mas apenas negocia a publicação deles. ● MÔNICA MANIR

Ferramenta pode ajudar na triagem de revistas científicas ao apontar as que têm práticas questionáveis

Uma equipe liderada por cientistas da computação da Universidade do Colorado em Boulder, nos Estados Unidos, desenvolveu uma plataforma de inteligência artificial que busca identificar de forma automática revistas científicas com práticas questionáveis, como a publicação de um número exagerado de artigos, prazos muito curtos para publicação, índices elevados de autocitações em referências bibliográficas e abordagem agressiva a autores. Os responsáveis por esses títulos, que também são conhecidos como “periódicos predató-

rios”, tentam convencer pesquisadores a desembolsar dinheiro para publicar seus estudos rapidamente, muitas vezes sem oferecer um processo genuíno de avaliação por pares. “Eles dizem: ‘Se você pagar US\$ 500 ou mil, revisaremos seu artigo’”, disse ao site *ScienceDaily* Daniel Acuña, pesquisador do Departamento de Ciência da Computação da universidade. “Na realidade, não prestam nenhum serviço. Apenas pegam o PDF e o publicam em seus sites.”

O grupo de Acuña treinou um sistema de inteligência artificial abastecendo-o com os parâmetros de excelência editorial adotados pelo Directory of Open Access Journals (Doaj), organização sem fins lucrativos que produz uma lista de periódicos de acesso aberto de boa reputação. Entre as boas práticas valorizadas pela curadoria do Doaj, incluem-se a oferta transparente de informações sobre objetivos e escopo da revista, sua política de revisão por pares e a composição do Conselho Editorial (incluindo afiliações institucionais de todos os membros).

Testes realizados com a plataforma de inteligência artificial, publicados em agosto em um artigo na *Science Advances*, mostram que, entre os quase 15.200 periódicos vasculhados, 1.400 não preenchiam ao menos parte dos critérios e foram sinalizados como potencialmente problemáticos. Especialistas humanos revisaram os achados e verificaram que a inteligência cometeu erros, já que cerca de 350 publicações vistas como questionáveis eram provavelmente legítimas. Acuña vê a ferramenta como um recurso promissor para proteger os pesquisadores no momento de escolher uma revista para publicar seus artigos, que ele compara a um “*firewall* para a ciência”, referência aos sistemas de segurança de redes que barram ataques de hackers. “O sistema pode auxiliar na pré-triagem de um grande número de periódicos, mas profissionais humanos é que devem fazer a análise final”, diz. A ferramenta está disponível on-line em uma versão beta e seu acesso, por enquanto, é limitado para editoras e bases de dados que indexam revistas.

A maioria dos artigos retratados teve uma quantidade insignificante de citações, mostra estudo húngaro

Uma análise feita por pesquisadores húngaros com base em 35.514 artigos que sofreram retratação entre 2001 e 2024 indica que a maioria deles teve impacto científico insignificante. De acordo com o estudo, nove em cada 10 desses *papers*, que foram considerados inválidos após a publicação por conterem erros ou sinais de má conduta, receberam pouquíssimas citações nas referências bibliográficas de outros artigos – 35% do total não obteve uma citação sequer. Apenas uma pequena fração foi citada mais de 100 vezes. O autor com maior número de artigos removidos no período – 112 no total –

teve uma média de 11 citações por *paper* cancelado, enquanto o segundo do ranking – com 86 retratações – atingiu uma média de 28 citações.

O décimo autor da lista, com 39 artigos retirados, deixou um estrago maior na literatura científica. Cada *paper* retratado assinado por ele havia tido em média 158 citações. A identidade desses autores não foi revelada no levantamento. “À primeira vista, isso pode sugerir um sistema acadêmico ‘saudável’, em que estudos falhos são rapidamente identificados e marginalizados”, escreveram os autores da análise, o economista Péter Sasvári, da Universidade Ludovika de Serviço Público, em Budapeste, Hungria, e o estudante de doutorado Gergely Ferenc Lendvai, em um artigo publicado no *Journal of Information Science*. “No entanto, isso mascara o fato de que um pequeno número de trabalhos retratados com alto índice de citações continua a distorcer o cenário.” A China liderou a contagem de estudos cancelados, seguida por Índia e Estados Unidos. A análise utilizou informações da base de revistas científicas Scopus.

CONTEÚDO EXTRA

Conhece a nossa *newsletter* de integridade científica?



Acesse o QR Code para assinar nossas *newsletters*

